

GLOCAL NEWSLETTER



SEMANAL - Sai à Terça-feira

Director: Hortênsio Eliseu Sueia • Editor: Vasco Davane • Nº 09 • Maio/2019

RECICLE A INFORMAÇÃO * PENSE ANTES DE IMPRIMIR * O MEIO AMBIENTE AGRADECE

NA HORA DA DESPEDIDA UM SORRISO PARA NÃO CHORAR PROFESSORAS CUBANAS DE MÚSICA, ENCATADAS COM MAPUTO



Um encontro de cortesia na sala de reuniões da reitoria da Pedagógica de Maputo, esta terça-feira, 28.05.19, foi pretexto para Alena Morales Bravo, pianista e Exaterine Triana James, Saxofonista, duas mulheres, professoras de música, Cubanas de gema, confessarem sentir-se bem em Ma-



puto, encantadas com o estilo de vida, hábitos e costumes, ainda que tristes por poucas vezes fazerem o que mais gostam, tocar e encantar. Estão em Maputo há dois anos e sentem-se em casa, vieram ao abrigo de um protocolo de cooperação com a Universidade Pedagógica para orientar seminários e palestras, capacitação de docentes e colaboração no projeto-piloto do Conservatório de Música no Departamento de Artes da faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da UPM. Deram aulas na Musiarte colaborando no projecto da Professora Stela Mendonça e Sónia Mucumbi. As duas celebridades vocais moçambicanas estiveram também na hora da despedida e manifestaram enorme gratidão pela prestação das duas talentosas cubanas. Do lado da Pedagógica, Marisa Mendonça, Vice-Reitora, disse, com saudades do futuro, esperar que as professoras cubanas voltem à Maputo o mais rápido possível para uma segunda experiência, desta feita, quiçá, mais longa. Até breve Alena e Exarterine, já temos saudades da fina sonoridade do Piano e Saxofone.

PESCA COMERCIAL AMEAÇA “PÉROLA INEXPLORADA” DE CORAIS E OUTRAS ESPÉCIES EM MOÇAMBIQUE



TEXTO: ESTÊVÃO CHAVISSO/LUSA

Ilhas Primeiras e Segundas, Moçambique, 25 Maio 2019 (Lusa) - A pesca comercial está a ameaçar uma “pérola inexplorada” de corais em Moçambique e por isso não há tempo a perder, alertam especialistas.

Esta é uma das conclusões preliminares de uma investigação científica que avaliou os danos causados nas ilhas Primeiras e Segundas, arquipélago situado ao largo da costa do centro de Moçambique.

Uma grande embarcação recheada de aparelhos científicos zarpa ao largo da costa do centro de Moçambique, saída do Santuário Bravio, área de conservação sob gestão privada que serve de base a uma expedição internacional a ilhas ao largo das províncias de Nampula e Zambézia

São quase 14:00 (menos uma hora em Lisboa) quando a equipa termina as burocracias das autoridades.

Há entusiasmo na cara dos 13 membros, entre os quais cinco cientistas, um estudante,

uma cineasta, além de quatro membros da tripulação e um dos empresários financiadores da expedição.

Seguem rumo às Ilhas, após um percurso de três dias, marcados pelas altas ondas do oceano Índico durante a noite, o grupo chega ao destino e a primeira a visitar é a ilha do Fogo, situada na província da Zambézia.

Divididos em duas equipas, uma em terra e a outra no mar, é hora de analisar as condições das espécies daquela área de conservação.

Em terra, Benjamin Bandeira, pesquisador da Universidade Pedagógica em Maputo, recorre a equipamentos como “Redes de Plâncton” e “Garrafas de Niskin” para recolher dados, enquanto que no fundo do mar, Linda Eggertsen, chefe da missão, lidera cuidadosamente a equipa que filma, regista e fotografa os corais com equipamentos de ponta.

As observações preliminares (que das 10 incidiram nas seis primeiras ilhas) indicam que a pesca comercial está a ameaçar a biodiversidade ma-

rinha local, que faz parte de uma importante zona protegida, a contar pela escassez de trabalhos científicos realizados sobre a área e pelo potencial turístico.

“Nós fomos observando que há ilhas neste conjunto em que quase já não há peixes devido a pesca comercial. São grupos bem grandes de pescadores que estão lá a tempo inteiro para pescar, numa área que legalmente é de conservação”, disse à Lusa Benjamin Bandeira.

Trata-se de um conjunto de 10 ilhas pouco habitadas e que estão situadas, entre as províncias de Nampula e Zambézia e ocupando uma área de conservação de 10.409 quilómetros quadrados, sob responsabilidade da Administração Nacional das Áreas de Conservação de Moçambique.

De acordo com o pesquisador moçambicano, a principal ameaça da biodiversidade marinha local não está na pesca de subsistência, meio de sobrevivência para muitas famílias de áreas costeiras daquela região, mas sim na pesca comercial, liderada por empresários, num negócio, em alguns casos, ilegal.

“Se nós não controlarmos e conservarmos o que está nestes locais sensíveis corremos o risco de num futuro muito breve vermos todos organismos desaparecidos. E é preciso lembrar que muitos moçambicanos vivem da pesca de subsistência”, acrescentou Benjamin Bandeira.

A biodiversidade das ilhas, consideradas por pes- [Cont. pág. 3](#)



quisadores internacionais uma “pérola quase inexplorada”, integra ervas marinhas, florestas costeiras e ribeirinhas, além dos recifes de corais contendo diversas espécies, numa paisagem única e quase que esquecida ao longo do oceano Índico.

Para a pesquisadora da Universidade de Estocolmo Linda Eggertsen, chefe da missão, são necessárias mais pesquisas nestes pontos, estudos que devem envolver instituições de ensino superior moçambicanas.

“Apesar destes aspetos relacionados com a pesca comercial, há pontos que ainda têm um bom coral, o que significa que Moçambique é um país bem interessante para pesquisa, além de turismo”, observou a pesquisadora da Universidade de Estocolmo.

Linda Eggertsen acrescenta ainda que a divulgação da biodiversidade destas áreas é também fundamental, como forma de envolver todos atores sociais na luta para a sua conservação.

A expedição, uma das poucas naquela região e que prevê pesquisas anuais de 60 dias durante cinco anos, durou 11 dias e foi realizada por um grupo integrado por cinco pesquisadores das universidades de Estocolmo, Fluminense, Ohio e Pedagógica, além de um estudante da universidade Eduardo Mondlane em Moçambique.

O estudo, financiado pela Universidade de Estocolmo e por dois empresários, um sul-africano e o outro moçambicano, faz parte de um projeto de ecoturismo que incentiva a investigação científica nas áreas de conservação.

PUBLICIDADE





AULA ABERTA
“O LUGAR E A IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR”

Quarta-feira
29/05/2019
Hora: 09:00
Campus Universitário de Lhanguene • Anfiteatro da FCSF

ORADOR: Núncio Apostólico
PIERGIORGIO BERTOLDI

**PARTICIPE!
ENTRADA LIVRE**

CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE PREOCUPA FCNM-UPM



TEXTO: MALAQUIAS TSAMBE & PITA SITOE

O dia da Biodiversidade é celebrado a 22 de Maio, a volta de um lema, desde 1993. A data foi instituída pelas Nações Unidas, como resultado da adopção da Convenção da Diversidade Biológica, na Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente. Neste ano o dia foi celebrado com o lema “Biodiversidade, nossa comida, nossa saúde”. A celebração do dia visa, essencialmente, alertar a população para a necessidade e importância da conservação da diversidade biológica. A UPM, em particular a Faculdade de Ciências Naturais e Matemática é privilegiada pelo facto de ter cursos que integram nos seus planos curriculares diferentes matérias que se respaldam no estudo da Biodiversidade nas suas múltiplas e complexas formas. Isso eleva a responsabilidade

da faculdade, através dos seus programas de extensão universitária, para a necessidade de realizações de acções visando a consciencialização da população em relação ao lema definido para o ano de 2019. Neste âmbito, a FCNM abraçou, como anualmente o faz, o lema e juntou um conjunto de actividades de reflexão com estudantes dos cursos de licenciatura em Ciências Ambientais, Biologia e Química da Faculdade de Ciências Naturais e Matemática.

A Biodiversidade é a fonte do bem-estar e a base da vida no Planeta Terra por isso, a sua conservação constitui-se num dos pilares básicos para o alcance do desenvolvimento sustentável. A sua riqueza e a variedade tornam disponível o fornecimento de serviços de que dependem a vida do Homem. Porém, vivemos hoje uma época de crise da perda da

Biodiversidade ao nível global e particularmente em moçambique onde vem atingindo valores sem precedentes devido a várias acções humana, sobretudo a destruição dos habitats, a exploração excessiva dos recursos e a caça furtiva. Em relação a esses problemas globais derivados do uso não sustentável da Biodiversidade, os Cientistas são unânimes em afirmar que a extinção das espécies animais e vegetais são uma realidade pois, mais de 7% de espécies animais já está extinta e cerca de 17% estão em vias de extinção. Estes dados chamam atenção para a necessidade urgente de conservação da Biodiversidade, pois esta constitui o pilar da sustentabilidade e evita, naturalmente, perda de recursos naturais que sustentam o planeta. Assim, a sua conservação requer a contribuição de todos nós com vista ao combate feroz de acções que contribuem para o aquecimento global, mudanças climáticas, desmatamento, queimadas descontroladas, caça furtiva, pesca ilícita, entre outros.

Este ano, os nossos estudantes e pesquisadores foram chamados, mais uma vez, a reflectir ao nível dos cursos sobre como repensar as práticas e modelos sustentáveis de uso da Biodiversidade. Através dos diferentes projectos, a faculdade têm vindo a desenvolver acções de pesquisas e extensão universitária relacionadas a conservação da Biodiversidade no Parque Nacional do Limpopo, na Reserva de Maputo, Cabo São Sebastião, nas Ilhas Primárias e Secundas, nos Distritos de Magude e Boane.



“INTERNET DAS COISAS” TEMA DE CONFERÊNCIA NA PEDAGÓGICA DE MAPUTO

TEXTO: (DDC)

D Universidade Pedagógica de Maputo, Escola Superior Técnica - ESTEC, realizou hoje, 24.05.19, uma Conferência sob lema “4ª Revolução Industrial: Internet das coisas (IoT) entre outras tecnologias para os negócios”. Bastante concorrido, o evento juntou no mesmo Anfiteatro II do Campus de Lhanguene docentes, pesquisadores e estudantes de informática e engenharias. O objectivo foi de partilhar os conhecimentos, trajectórias, avanços e perspectivas com campo das IoTs. Presidiu o evento, o Magnífico Reitor, Jorge Ferrão, que destacou a importância das tecnologias para o desenvolvimento sustentável. Ferrão aflorou a racionalidade do “futuro das profissões e as profissões no futuro” e conjecturou sobre a longa estrada tecnológica e ciber-segurança liderada pelo gigante Microsoft, UNCTAD e o desenvolvimento das Apps ao nível da UP-Maputo. O Rei-



tor usou da oportunidade para apresentar a plateia a nova Vice-Reitora para Administração da UPM, Marisa Mendonça, que também se dirigiu aos participantes com singelas palavras, vénia ao momento e fez votos de boas deliberações ao evento. A conferência central foi apresentada por quatro painelistas nomeadamente, Prof. Félix Singo da UP-Maputo, Eng. Salomão David da Autoridade Reguladora de Comunicações (ARECOM) e Eng. Augusto Nunes do Instituto Nacional das Tecnologias de Informação e Comunicação

(INTIC) e a Profa Andreia Oliveira da Universidade Federal Santa Maria (UFSM) que dissertaram sobre temáticas ligadas as trajectórias da IoT, tecnologias e tendências; o caminho para a IoT, indústria, bigdata e aplicações bem assim como da segurança cibernética, certificação e confiabilidade. A discussão que se seguiu permitiu explicar zonas de penumbra sobre as startups para jovens, ciber-segurança e as questões actuais que opõem a Google e a Haiwei. O evento terminou com um momento cultural.

UNIVERSIDADE DE LISBOA OFERECE LIVROS À UPM

TEXTO: CALISTO MUHATE

O Centro de História da Universidade de Lisboa ofereceu cerca de 650 livros novos à Universidade Pedagógica de Maputo. Trata-se de um acervo bibliográfico de diversas áreas de conhecimento, destinados à Biblioteca Central da UPM.

Segundo Jonathan Diamante, representante da Livraria Escolar Editora, este acto, resulta da parceria entre algumas universidades de Portugal que fizeram a



junção do útil ao agradável.

Ainda no âmbito da doação dos livros, a responsável pela Direcção dos Serviços de Documentação Informação, entidade que superintende a Biblioteca Central da UPM, Aissa Mithá, avançou que a Escolar Editora ajudou na recolha e no transporte dos livros oferecidos pelo Centro de História da Universidade de Lisboa, tendo acrescentado que a Livraria Escolar Editora ofereceu 20 estantes para a arrumação dos livros.

ÁFRICA PRECISA RESGATAR OS SEUS VALORES

- Defende Professor Carlos Mussa



TEXTO: VASCO DAVANE

A África celebrou no passado sábado o quinquagésimo sexto aniversário da criação da Organização da Unidade Africana (OUA) transformada em União Africana (UA). Esta efeméride acontece dias depois da celebração do nonagésimo aniversário de Marcelino dos Santos, militante da primeira hora da UDENAMO e da FRELIMO, figura emblemática e incontornável dentro do contexto libertário africano.

Para perceber os contornos que nortearam o surgimento da OUA há 25 de Maio de 1963, o Glocal conversou com o Professor Carlos Mussa, docente universitário e pesquisador, que indicou que o primeiro desafio era o combate contra a colonização europeia; o segundo foi a tentativa de construção do Estado nação em África; hoje enfrenta um terceiro desafio que é a construção de um Estado de direito e democrático.

No panorama económico,

segundo Mussa, a África viu os seus recursos sendo pilhados em proveito das metrópoles, as antigas potências libertaram o continente do ponto de vista político e administrativo, mas continuaram a controlar os processos económicos em África, daí que não há grandes empresários africanos no ramo da banca, indústria e comércio.

“A África precisa resgatar os seus valores, em vez de importar modelos económicos e culturais das antigas metrópoles o que tem gerado conflitos no continente, perturbando o esforço para a criação do desenvolvimento sustentável. A UA tem um grande desafio de resgatar os valores culturais africanos e integrá-los naquilo que são as práticas políticas, económicas e administrativas no continente”, defendeu Mussa.

Segundo a nossa fonte, outro desafio para os Estados africanos é a criação de uma maior inclusão social, política e económica, para além do combate sem tréguas do fenó-

meno corrupção que penaliza os Estados. A criação de um sistema cerrado de combate à corrupção não se deve circunscrever apenas à economia, mas também à política, pois, a imposição do modelo democrático não é apenas um fenómeno endógeno, mas também é exógeno. “As lideranças africanas ainda não entenderam que a democracia é alternância mais viável para a criação de um Estado forte rumo a um desenvolvimento sustentável. Alguns Estados em tempos em tempos procuram alterar as constituições para acomodar as vontades do líder do dia, o que pode degenerar em caos”, afirmou Mussa.

Às universidades africanas devem encontrar um caminho para a formação de empregadores e não de empregados. A maior parte dos cursos das universidades africanas não são de engenharia, curso de biologia e química, ou biologia molecular, mas sim de ciências sociais ou humanas, cursos fundamentais para construir equilíbrio na sociedade”.

“Os africanos devem começar a procurar mecanismos de planos curriculares que possam responder aos desafios da educação em África. As pessoas formam-se nas universidades e ficam sem emprego acabando alimentado as bolsas de contestação e manifestação; temos que levar a educação de uma forma séria. Em África investe-se pouco na investigação, o investimento na pesquisa deve corresponder aos problemas que afectam a comunidade”, indicou o nosso interlocutor.